

Talvez não tenha sido suficientemente demonstrado que o colonialismo não se contenta de simplesmente impor seu domínio ao presente e ao futuro de um país dominado. Ao colonialismo não basta encerrar o povo entre suas malhas, esvaziar o cérebro colonizado de toda forma e todo conteúdo. Por uma espécie de perversão da lógica, ele se orienta para o passado do povo oprimido, deforma-o, desfigura-o, aniquila-o.

Frantz Fanon, *Los condenados de la Tierra*, p. 175.

O desprendimento conduz a teorias críticas descoloniais e à pluriversalidade não eurocentrada de um paradigma-outro. Os paradigmas de conhecimentos eurocêtricos (em suas teopolítica e egopolítica) chegaram a um ponto em que suas próprias premissas deveriam ser aplicadas a si mesmos, desde o repositório de conceitos, visões e energias que foram silenciados ou sequer reconhecidos, durante a marcha triunfal do aparato conceitual ocidental.

MIGNOLO. *Desobediencia epistémica*, p. 96-97.

O propósito maior da discussão aqui buscada centra-se em, e tendo como base a expressão “aprender a desaprender, para así re-aprender” desenvolvida a exaustão por Walter Mignolo², pensar acerca de uma teorização específica do que vimos chamando de crítica biográfica fronteira e cuja réplica pode ser assim formulada: *aprender a teorizar para desteorizar para re-teorizar*. Considerando que já tratamos dessa expressão antes, aqui vamos manter apenas o *re-teorizar*, mas desde que já o compreenda como pertencente (de-dentro) ao campo da teorização crítica fronteiriça/descolonial por excelência.

Como já assinala o título deste texto, vamos tomar a teorização da crítica do biolocus como uma formulação que se dá a partir de um paradigma-outro, como propõe Mignolo em seu texto “‘Un paradigma otro’: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico”.³ Por conseguinte, também entram na agenda de nossa discussão teórica conceitos como os de desprendimento teórico, pensamento crítico fronteiriço, geo e corpo-política epistêmicas, entre outros.

Considerando que a palavra de ordem para a teorização biográfica fronteiriça entendida como um paradigma-outro é o desprendimento, vamos começar de fato retomando as duas passagens apostas como epígrafes. Da primeira, de autoria de F. Fanon e presente no livro *Os*

¹ Professor titular da UFMS e Coordenador do NECC.

² Ver, nesse sentido, os livros *Desobediencia epistémica* (2010), de Walter Mignolo, e *Learning to unlearn* (2012), de Walter Mignolo & Madina V. Tlostanova.

³ MIGNOLO. Prefacio a la edición castellana “Un paradigma otro “: colonialidad global, pensamiento fronterizo y cosmopolitismo crítico, p. 19-60.

condenados da terra (1993), nos interessa tão somente a expressão “esvaziar o cérebro”; da segunda epígrafe, de Walter Mignolo e constante do livro *Desobediencia epistémica* (2010), me interessa a expressão “repositório de conceitos”. Como aqui, como já dito, quero me deter na teorização de fundo biográfico fronteiriço, e considerando que ela tem como presença sempre fantasmática a Teoria (ou Teorias) moderna, as duas expressões destacadas são tomadas como *leitmotiv* para ilustrar e encenar o campo da teorização proposta.

Não é por acaso que a passagem de Fanon abre o livro *Desobediencia epistémica* de Mignolo como epígrafe e, por todo o livro, Mignolo faz referência direta a ela pelo menos duas vezes. O contexto no qual aparece a primeira alusão à passagem de Fanon dá-se no momento em que Mignolo reitera que o *fundamento por excelência do mundo moderno/colonial na América está caracterizado pelo feito de “esvaziar o cérebro”, promovendo, por conseguinte, verdadeiras lobotomias teológicas-cristãs e grego-romanas.* (MIGNOLO, 2010, p. 43.) No bojo da discussão, Mignolo está contrapondo a teopolítica e a egopolítica à geopolítica e à corpopolítica e pontuando que estas últimas, diferentemente daquelas, propõem um desprendimento epistêmico, o qual, por sua vez, afirma o pensar descolonial.⁴ Aqui chamo a atenção para o “desprendimento epistêmico” por entender que sua problematização e compreensão conceitual são determinantes para a discussão proposta a partir da expressão “esvaziar o cérebro”, como espero mostrar. A segunda vez em que Mignolo faz menção direta à passagem de Fanon de alguma forma reitera a anterior, na medida em que Mignolo reforça que Fanon (e Anzaldúa) move a epistemologia ao terreno do desprendimento. Segundo Mignolo, Fanon aponta para o necessário diagnóstico da *colonização epistémica* (das almas, das mentes, dos espíritos, dos seres) e a lógica perversa da colonialidade que, nas palavras do próprio Fanon, *distorce, desfigura e destrói* (ou tende a marginalizar) todos os passados que não são o passado da versão eurocêntrica da história. Pensando na proposta que move este texto, acrescentaria aqui de bom grado uma *colonização epistémica* das teorias, a qual somente poderia ser desbarata pela teorização do “desprendimento epistêmico”. Volto a essa questão conceitual no parágrafo derradeiro deste texto, por entender que desprender-se compreende uma opção de teorização por parte do teorizador descolonial. Nesse sentido que se justifica o paradigma-outro da teorização fronteiriça aludida no título deste teto.

Vejamos, agora, em que contexto do livro *Desobediencia epistémica*, de Mignolo, aparece a segunda expressão “repositório de conceitos”, por mim priorizada para ilustrar a

⁴ “[...] el proceso de desprendimiento requiere de un asentamiento epistemológico diferente que describo aquí como la geo- y corpo-política del conocimiento y del entendimiento”. (MIGNOLO, 2010, p. 42).

discussão acerca da teorização biográfica fronteira. É interessante observar que a expressão de Mignolo “repositório de conceitos” aparece dentro da mesma fundamentação teórico-conceitual em que aparece a de Fanon, qual seja senão a do desprendimento. A passagem de Mignolo como um todo, como é mostrada em epígrafe, arrola todos os conceitos dos quais quero me valer aqui para tratar da teorização biográfica fronteira, priorizando, além dos já destacados como o de desprendimento, o de “paradigma-outro”. Paradigma-outro se contrapõe, nessa discussão, a “paradigma hegemônico”, na medida em que ele alimentou seu “repositório de conceitos” para fortalecer-se a si mesmo e, por conseguinte, autenticar e mostrar seu valor moderno, permitindo, por sua vez (já que não podia haver nem desprendimento e nem muito menos paradigma-outro), que seu *repositório de conceitos* fosse repetido a exaustão para fora do mundo todo. Aqui estou adiantando minha discussão, mas com o objetivo de destacar que seria contra esse “repositório de conceitos” que a teorização biográfica fronteira vai se irromper definitivamente, posto que ela, se, por um lado, não ignora a plêiade e poder conceitual advindo desse repositório de conceitos modernos, por outro lado, não pactua com a mera repetição “crítica” exercida por meio de suas práticas inter, trans e multidisciplinares. Nesse sentido, “esvaziar o cérebro” pode ter sido uma estratégia moderna deliberadamente criada pelas teorias modernas para levar o “outro” fronteira a encher seu pensamento (teorização) de conceitos migrados do repositório colonial formado pela mente brilhante do pensamento moderno ocidental, como deixa entrever Mignolo no final da referida passagem aposta como epígrafe. (A prática teórica empregada, ou mais especificamente a prática analítica empregada nas universidades fora dos grandes eixos ainda reforça essa prática que alimenta o repositório de conceitos na medida em que prioriza a repetição conceitual em demasia, ignorando, por conseguinte, a prática do desprendimento epistêmico.)

Agora que já contextualizei as expressões “esvaziar o cérebro” (FANON) e “repositório de conceitos” (MIGNOLO), assim como esbocei a forma como elas podem me ajudar a pensar e a contornar o campo da teorização biográfica fronteira, passo a deter-me nessa discussão tendo por encenação uma atmosfera envolta a mentes, conceitos e teorias.

E nada mais apropriado para começar essa teorização conceitual de base biográfica e fronteira do que contornar a paisagem envolta a centro e periferia que se desenha na passagem de Enrique Dussel acerca da origem da Modernidade:

La modernidad es para muchos (para Jurgen Habermas o Charles Taylor) un fenómeno esencialmente o exclusivamente europeo. Em estas lecturas, plantearé que la modernidad es, en realidad, *un fenómeno europeo, sí, aunque constituido en una relación dialéctica con una alteridad no europea que contiene en sus más remotos confines*. La modernidad aparece cuando Europa se afirma como el “centro” de la

Historia Mundial que inaugura: la “periferia” que rodea este centro es entonces parte de esta definición auto centrada. La oclusión de esta periferia (así como el papel de España y de Portugal en la formación del mundo moderno desde el fin del siglo XV hasta la mitad del siglo XVII) lleva a los principales pensadores del “centro” a una falacia eurocéntrica en su comprensión de la modernidad. *Si su comprensión de la genealogía de la modernidad es tan parcial y provincial, sus intentos de crítica o de defensa de la misma son así mismo unilaterales y en parte, falsas.* (MIGNOLO, 2010, p. 18).

Com base na passagem, e mais especificamente a partir da expressão “falácia eurocêntrica”, quero, primeiro, deter-me no que diz Dussel para, na sequência, ater-me no que Mignolo reitera a partir da expressão, que sem tal *falácia eurocêntrica* não haveria nem a retórica da modernidade e nem a lógica da colonialidade.

Interessa-me aqui, pensando a partir da teorização que caracteriza a crítica biográfica fronteiriça, que a referida expressão de Dussel está interligada diretamente tanto à questão do “vaciar el cérebro” (FANON) quanto à do “repositório de conceito” (MIGNOLO) aqui priorizadas e perseguidas como motivo desencadeador da reflexão crítica proposta. No bojo dessa falácia destacam-se a retórica e a lógica de uma razão moderna que teleguiou o pensamento moderno e, por conseguinte, o modo de pensar teórico totalizante e abstratizante que imperou no mundo. Na passagem de Dussel, sobressai a ideia de relação entre “centro” e “periferia”: a Europa é o centro e a periferia é o resto que se cria (e que o centro cria) no entorno desse centro. A modernidade aparece quando esse centro se reconhece como fundante da História Mundial. Repito Dussel: “la periferia que rodea este centro es entonces parte de esta definición auto centrada”. Mas tarde essa periferia vai ser nominada pelo pensamento descolonial de “exterioridade” ou de “fronteiriça”. Uma periferia, um fora, um resto, uma exterioridade criada pelo “centro”, pela *interioridade*, a partir dali de onde se erige a modernidade e seu pensamento moderno. Essa definição de “centro” egocêntrica que cria e encampa o *resto*, o fora, em nome de sua egolatria vai exercer também sua teopolítica e geopolítica com relação a esse “outro” de si mesma (a periferia). Na sequência, Dussel observa: “la oclusión del esta periferia [...] lleva a los principales pensadores del ‘centro’ a una falacia eurocéntrica en su comprensión de la modernidad.” Arvorar-se como dona de uma periferia que não conhecia e interligá-la a seu próprio corpo (centro) fez com que a modernidade europeia, ou melhor, os seus melhores representantes e pensadores a uma falácia que, a seu modo, além de não conhecer o outro criado por ela (a periferia) que ela não conhecesse a si mesma como deveria. É essa falácia eurocêntrica portanto que vai permitir a elaboração tanto de um *repositório de conceitos* abstratos e desconjuntados, no plano do conhecimento ocidental, quanto da prática do esvaziar o cérebro desse outro que, além de não existir, sequer o conhecia.

Avançando em minha discussão, não precisa ir longe para constatar que é dessa falácia eurocêntrica que advém toda a plêiade de conceitos e de teoria que vai determinar o modo de ler e de julgar no ocidente, considerando, e o que é pior, o que, segundo o próprio pensamento moderno, era o resto e estava de fora (a periferia). Fica por conta dessa compreensão falsa, porque assentada numa falácia eurocêntrica, o papel atribuído e ocupado pelos pensadores do centro sobre a modernidade, segundo as palavras finais da referida passagem de Dussel: “Si su comprensión de la genealogia de la modernidad es tan parcial y provincial, sus intentos de crítica o de defensa de la misma son así mismo unilaterales y en parte, falsas”. Não é por acaso que a expressão “falácia eurocêntrica” parece ter sempre um sentido pejorativo, em todos os sentidos. Se, em nome de tal pensamento transmitido como verdadeiro, a modernidade criou um império de repositório de conceitos (in) conscientemente com a política de disseminar (globalizar) para o resto do fora do mundo e, por conseguinte, reforçando uma obediência epistêmica sem precedente da história da humanidade, propiciou também e ao mesmo tempo que o “conhecimento” do “outro” da periferia fosse ignorado de uma vez por toda pela mente brilhante do centro. Ignorar, esvaziar o cérebro desse “outro” do fora alimentou a política egocêntrica e teocêntrica do pensamento da modernidade, que se encarregou desde sempre a disseminar/repetir os conceitos arrolados de dentro de um centro que pregou conhecer o fora (a periferia). Não por acaso que vai ser dessa lógica da colonialidade e da retórica da modernidade que se cria o que vai passar a ser chamado de exterioridade no ocidente. E, por mais contraditório que possa parecer, esse fora só existe porque existe o dentro, e tal relação de dependência mostra tão somente o caráter dominador e excludente que imperou e impera no sistema de pensamento ocidental moderno. Em contrapartida, e o que torna -se imperioso de tudo isso é que, se, por um lado o pensamento da exterioridade ignora a existência do pensamento moderno, por outro lado, ele rechaça este pensamento em todas as suas instâncias possíveis de modos de pensar descolonial. E isso se dá pelo fato de ambos os modos de pensar estarem assentados em epistemologias completamente diferentes e em nada complementares: enquanto a epistemologia moderna erige-se do centro europeu e da Europa enquanto centro do mundo civilizado, a epistemologia fronteiriça (ANZALDÚA) erige-se da fronteira (e entenda-se fronteira aqui mais no sentido “epistemológico do que “geográfico”).

Para concluir a discussão, pelo menos por enquanto, volto uma última vez às duas passagens apostas como epígrafes, por entender que ambas tratam, direta ou indiretamente, do conceito descolonial de desprendimento. Como entendo que tal conceito, a seu modo, ajuda-nos no debate teórico que compreende as duas expressões perseguidas ao longo do texto,

detenho-me, agora, mesmo que de forma breve, no conceito de desprendimento, conforme o entende Walter Mignolo a partir do que propusera Anibal Quijano. *Grosso modo*, o conceito entra em cena a partir de uma teorização de ordem descolonial que, por privilegiar a geopolítica e a corpo-política descoloniais, se desenha por fora da teopolítica e da geopolíticas, bases essas que estariam na formação de todo o pensamento moderno colonial. Não é por acaso que a opção de desprendimento implica uma guinada epistêmica descolonial, que pressupõe o pensamento descolonial, bem como sua teorização crítica. É nessa direção que se entende que o desprendimento, por se formular a partir da geo e da corpo-política que ele acaba por fundar uma gramática da descolonialidade que, por sua vez, vai se opor à gramática eurocêntrica ocidental. Talvez, e por isso mesmo, a maior preocupação com relação ao ato, ou opção descolonial do desprendimento esteja presa à proposta de se desvincular da retórica da modernidade e da lógica da colonialidade, como forma de, assim, contrapor à “falácia eurocêntrica” que, segundo Enrique Dussel, caracteriza e esteve no cerne do projeto da modernidade. E seria exatamente devido a essa falácia que se insurge a necessidade de uma guinada epistêmica descolonial. Tal guinada fronteira (“vuelco”) demanda uma perspectiva epistemológica outra, bem como, e por conseguinte, uma teorização de outra ordem que não passe, necessariamente, pelo “repertório de conceitos” aqui explorado. O desprendimento, por sua vez, ainda permite, mais do que uma descolonização do ser e do saber, uma descolonização com relação às teorias, principalmente com relação às teorias itinerantes, que migram sem fronteiras dos centros para as margens, ou do Norte para o Sul-Global. Se retomo aqui o conceito de desprendimento, mencionado logo no início deste texto, é para reiterar que a tríade re-teorizar, re-aprender e re-comparar somente tornam-se uma prática da teorização descolonial se as mesmas não estiverem presas a quaisquer políticas de repetição conceitual. O prefixo “re” dos verbos, antes de se abrirem para uma revisita do pensamento moderno ocidental e sua respectiva plêiade conceitual, propõem uma perspectiva outra de entender o mundo que não se prende mais à retórica da modernidade e nem muito menos à lógica da colonialidade. Com base nisso, poderíamos argumentar que se coube ao projeto do pensamento da modernidade insistir numa política de colonialidade do ser e do saber que se encerrava no desaprender, desteorizar e descomparar, talvez como forma de levar o des-sujeito da exterioridade desse pensamento a repetir; coube, pelo contrário, ao pensamento descolonial pensar a partir do “re”: saída, ou melhor, opção estratégica e não menos política para pensar o mundo a partir da diferença colonial

Ainda no tocante ao conceito de desprendimento, como parte de uma formulação conceitual que atende pelo pensamento descolonial ou fronteira, é relevante pontuar que o

desprendimento em si pressupõe, de acordo com Walter Mignolo, um pensamento fronteiriço, bem como uma epistemologia fronteiriça (ANZALDÚA), visando, por conseguinte, exatamente desprender-se da matriz colonial de poder que regeu o sistema colonial moderno, ou a matriz colonial de poder. Resumindo, desprender-se teoricamente e, por conseguinte, conceitualmente, significa, entre outras coisas, não deixar mais que o pensamento conceitual moderno esvazie nossos cérebros para que a problemática conceitual dele continue a imperar nos trópicos fronteiriços com todo seu “repositório de conceitos” tão descontextualizados. A forma, entre outra, de quebrar, ou barrar este paradigma moderno seria a de contrapor a ele um paradigma-outro de pensar que tem emergido das bordas do mundo, a exemplo da gramática da descolonialidade que está nos permitindo estabelecer novas comparações a partir dos lugares-outros do planeta.

Retomando o título deste texto para concluir de vez, diríamos que a boa prática disciplinar da literatura comparada⁵ já comparou e descomparou à exaustão, pelo menos desde o século XIX, e que agora talvez chegou a hora de propormos um re-comparar, como forma de levar ao pé da letra a importância de sermos todos desobedientes epistemologicamente e propormos um opção de desprendimento, visando, por conseguinte, um novo modo de viver e *com-viver*, um *bom-viver*, com o outro que logicamente não é , porque não pode ser, *o outro de nós mesmos*.⁶

REFERÊNCIAS

FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. de Ligia Fonseca Ferreira e Regina Salgado Campos. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.

GIULIANO, Facundo (comp.) *¿Podemos pensar los no-europeos? Ética decolonial y geopolíticas del conocer*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2018.

⁵ Já tive a oportunidade de discutir acerca dessa prática de re-comparar em meu texto que aparece no livro *A literatura comparada no Brasil hoje* (2022), em que eu dizia: “De minha parte, por exemplo, e pensando obviamente na prática descolonial do ‘aprender a desaprender, para poder así re-aprender’ tão bem explorada por Walter Mignolo em seu livro *Desobediencia epistémica* (2010), cheguei a propor a réplica aprender a *comparar para descomparar para, assim, re-comparar*. A passagem também traz a diferença abissal entre a política do pensamento colonizador moderno e a política do pensamento descolonial, pontuando que enquanto o primeiro se prendia à política das ‘semelhanças-e-diferenças’ (prática do aprender a comparar para descomparar cara à disciplina de Literatura Comparada), o segundo propunha a política das ‘semelhanças-na-diferença’ (prática do aprender a comparar para re-comparar), cuja opção descolonial vinha assentada numa prática da desobediência epistêmica e do desprendimento epistemológico por excelência.” (NOLASCO, 2022, p. 584 - 585).

⁶ Uma versão inicial deste texto serviu para embasar a proposição de um Simpósio submetido a ABRALIC intitulado de COMPARAR PARA DESCOMPARAR PARA RE-COMPARAR - NEM UM REPOSITÓRIO DE CONCEITOS E NEM UM ESVAZIAMENTO DO CÉREBRO: UMA RE-INVENÇÃO DO OUTRO (UFBA/SALVADOR, 2023).

MIGNOLO, Walter. *Desobediencia epistémica: retórica de la colonialidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2010.

NOLASCO, Edgar César. *Perto do coração selbaje da crítica fronteriza*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2013.

NOLASCO, Edgar César. *A literatura comparada no Brasil hoje*. Campinas: Pontes Editores, 2022.

QUIJANO, Anibal. *Ensayos em torno a la colonilaidad del poder*. Buenos Aires: Ediciones del signo, 2019.

TLOSTANOVA, Madina V. and MIGNOLO, Walter. *Learning to unlearn: decolonial reflections from Eurasia and the Americas*. Columbus: The Ohio State University Press, 2012.